

Cidade ainda só recicla 1% de seu lixo

Após 20 anos, o sistema de coleta seletiva da Prefeitura consegue reutilizar apenas uma garrafa PET por habitante a cada semana

HÉLVIO ROMERO/AE



Trabalho. Integrante de cooperativa de recicladores de lixo doméstico separa os plásticos em unidade da Avenida do Estado. Apenas 7% dos caminhões de lixo são destinados à coleta seletiva

Depois de 20 anos, o sistema de coleta seletiva de lixo da Prefeitura consegue reciclar, em média, apenas 280 gramas por mês por habitante, o que significa que o paulistano só manda para a reciclagem peso correspondente a uma garrafa PET a cada seis dias. O total representa 1% de todo o lixo produzido na cidade.

A população de Porto Alegre, cujo programa de reciclagem é considerado modelo, consegue separar para reciclagem 1,3 quilo por habitante – quase cinco vezes o índice de São Paulo. Em Estocolmo, na Suécia, referência mundial no processo de coleta seletiva, 25% do lixo é reciclado. Cada habitante da capital sueca recicla em média 12,4 quilo por mês – 44 vezes mais do que o paulistano.

“Faltam incentivo e investimento na organização das cooperativas e na capacitação de catadores para que o programa seja ampliado. Nessas duas décadas, a coleta seletiva ainda é algo a que só a classe média paulistana tem acesso na cidade. Os municípios precisam encarar a reciclagem como uma política pública fundamental para reduzir os riscos de enchentes e o espaço dos aterros”, diz o advogado Fabio Pierdomenico, professor de Direito Ambiental e diretor da Limpurb entre 2002 e 2004.

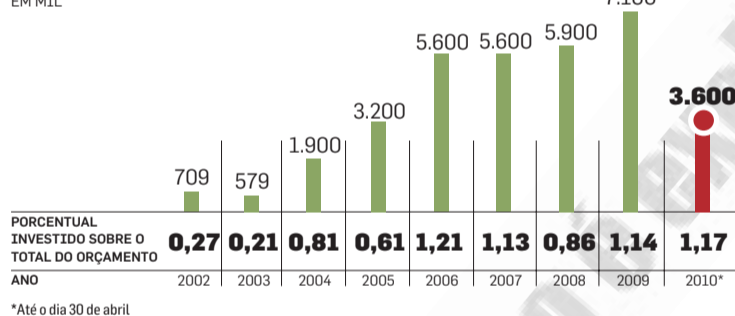
Nos últimos três anos, os investimentos em coleta seletiva se mantiveram proporcionalmente estagnados. Em seu primeiro ano como prefeito, em 2006, Gilberto Kassab (DEM) aplicou 1,21% da verba empenhada para a coleta do lixo em reciclagem; em 2009 esse índice foi de 1,14%.

A falta de investimentos em reciclagem nas diversas fases do sistema explica por que o processo não vai para a frente. De acordo com a política municipal do setor, criada por lei em 2003, deveriam ser construídas 31 centrais de triagem em todas as subprefeituras em 2007.

As obras estavam previstas no novo contrato de coleta de lixo,

VERBA DA COLETA SELETIVA

RECURSOS INVESTIDOS EM MIL

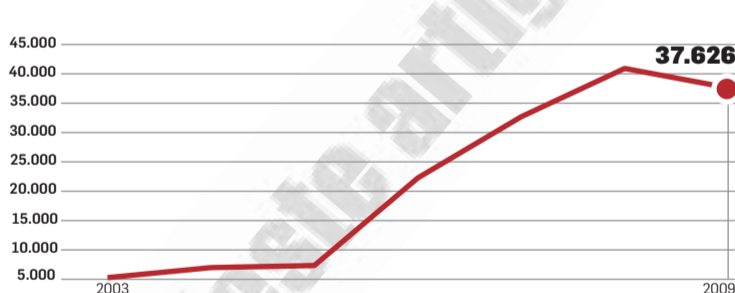


PORCENTUAL INVESTIDO SOBRE O TOTAL DO ORÇAMENTO	0,27	0,21	0,81	0,61	1,21	1,13	0,86	1,14	1,17
---	------	------	------	------	------	------	------	------	------

*Até o dia 30 de abril

VOLUME DE MATERIAL COLETADO ANO A ANO

POR TONELADAS



FONTE: LIMPURB

INFOGRAFICO/AE

TIRE SUAS DÚVIDAS

1. Como começar a coleta no prédio?

Os horários e locais de coleta seletiva porta a porta estão no site da Limpurb (www.limpurb.sp.gov.br). Se não for possível ter um contêiner no prédio, os recicláveis podem ser colocados na rua na data e horário definidos no site.

2. Como separar o lixo?

Não é necessário separar o material reciclável por tipo – isso será feito na triagem. Basta selecionar e lavar o material seco reciclável.

3. O que é possível reciclar?

Vidro, papel, alumínio e a maioria dos plásticos (veja no site www.institutogea.org.br)

4. O que não pode?

Clipes, grampos, esponjas de aço, tachinhas, pregos e canos de alumínio, papel carbono, celofane, papel vegetal, termofax, papéis encerados ou plastificados, papel higiênico, lenços de papel, guardanapos, fotografias, fitas ou etiquetas adesivas, plásticos termofixos e embalagens plásticas metalizadas (de salgadinhos).

que entrou em vigor em 2005. Um ano antes, já existiam 14 centrais. Hoje, passaram seis anos, são 16. No cronograma das empresas de lixo, as obras estarão

concluídas só em 2015. Para a construção de dez desses galpões, estão programados R\$ 6 milhões de recursos do Programa de Aceleração do Crescimen-

to (PAC). A verba não saiu porque a Prefeitura ainda está definindo as áreas para instalação desses prédios. Segundo a Limpurb, quatro áreas já foram aprovadas e outras seis estão “em processo de análise”.

O gargalo também ocorre na coleta seletiva nas ruas. Dos 292 caminhões contratados para recolher o lixo na capital, só 20 são destinados aos reciclados (7%).

Estagnação. A cidade de São Paulo produz mensalmente 293,9 mil toneladas de lixo, coletadas pelos consórcios Ecourbis e Loga Ambiental. Só 3.135 toneladas são recicladas – menos de 1% do lixo da capital.

O governo municipal argumenta estar acelerando os investimentos neste ano e aponta que são coletadas diariamente 120 toneladas de lixo reciclável na cidade, o que corresponde a 7% do lixo domiciliar que pode ser triado atualmente. Isso equivale a 0,6% de todo o lixo doméstico produzido na cidade.

O alcance do programa também é limitado: atinge somente 6 milhões dos 11 milhões de habitantes da metrópole. “Se o índice (de investimentos) é baixo hoje, imagina no início da gestão. Tem crescido, aumentado, e vai continuar aumentando. Vamos nos esforçar para continuar investindo”, disse Kassab.

O secretário municipal de Serviços, Alexandre de Moraes, apresentou o aumento no volume de coleta como indicativo de investimento. “Nós não achamos que (o Orçamento) está estagnado nem em um índice baixo. Pulamos de 5 mil toneladas no fim da gestão da prefeita Marta (PT) para quase 38 mil toneladas. São oito vezes mais”, diz.

O diretor da Limpurb, César Morales, afirma que a Prefeitura “dá todo o apoio material e de orientação para que as cooperativas se formem e trabalhem”. Hoje, segundo ele, há 1.050 famílias integradas ao programa. / ANA BIZZOTTO, BRUNO PAES MANSO e DIEGO ZANCHETTA



● Eletrônico
A Prefeitura implantou a primeira central de reciclagem de lixo eletrônico da cidade, para receber televisores, computadores, rádios, entre outros. O centro fica em um galpão na Barra Funda.

* **Análise:** Ana Maria Luz

Incluir e capacitar catadores ajudaria a fortalecer o sistema

O programa municipal de coleta seletiva de São Paulo ainda deixa muito a desejar. É positivo que tenha passado de um sistema caro, insustentável, no início dos anos 1990, para um programa realista, baseado na inserção dos tradicionais coletores de materiais recicláveis – os catadores – de forma cooperativada.

Ocorre que, na prática, a coisa não funciona da maior cidade do País ainda é inexpressivo, reciclando menos de 1% do lixo. O número de cooperativas conveniadas está muito aquém do necessário, deixando grande parte da cidade sem atendimento. E o município ainda gasta milhões com isso. Onde está o erro?

A coleta seletiva com a inserção de catadores é possível. E justa. Pode ser duradoura e sustentável. Mas só ser for encarada pelo governo como um serviço público indispensável, dentro de uma política de gestão integrada de resíduos. Como ampliar a coleta e estender o serviço? As soluções são simples. Descentralizem a gestão, colocando em prática o que está proposto nos planos: pelo menos uma Central de Triagem por subprefeitura.

Invistam na supervisão e na capacitação dos catadores, pois há grandes carências educacionais entre esses trabalhadores, o que impede que as cooperativas atinjam sua máxima capacidade. Informem a população sobre o programa, para ela possa participar. Os recursos destinados à Educação Ambiental são pífios – ou não atingem os objetivos.

Defendemos que as cooperativas devam ser remuneradas pela coleta. Essa medida ajudaria a consolidar os empreendimentos, garantindo a manutenção do serviço.

Recentemente, uma ação que obriga a Prefeitura a encarar seriamente o programa de coleta seletiva foi aprovada em primeira instância. Há esperanças. O modelo é bom, mas precisa ser melhorado. Urgente.

* PRESIDENTE DO INSTITUTO GEA, ESPECIALIZADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL E GERENCIAMENTO DE RESÍDUOS